Spring

Spring boot é uma ferramenta/facilitador que padroniza todas as configurações pra gente e já evita para não precisarmos fazer as configurações manualmente, então ele abstrai muita coisa das configurações iniciais que precisaríamos de fazer em projetos Spring, ou seja o framework que utilizamos não é Spring Boot e sim o Spring, Spring Boot é apenas a ferramenta/facilitador que usamos para criar nossos projetos.

Antes em projetos WEB gerávamos arquivos WAR ou um EAR se for projeto mais enterprise, e a gente precisando fazer um deploy desse arquivo WAR ou EAR em um application container (servidor de aplicação com suporte Java) temos então o Tomcat, JBoss, weblogic, etc. E o Spring Boot no momento que estava ficando popular a parte de micro serviços ele implementou o Tomcat e é por isso que hoje as aplicações do Spring a gente consegue rodar num Docker, pois acaba gerando um arquivo JAR como pacote final que vai para a produção e esse arquivo JAR só precisa do Java para ser executado e é o que facilitou a adoção de micro serviços no mundo Java.

Application.properties:

Foi a forma de padronizar a forma que declaramos as propriedades em um projeto Spring.

Spring Core:

Parte principal do Spring que é onde temos a parte de injeção de dependências, bootstrap.

Spring Web/Webmvc:

Anotações @Controller, @Services que temos.

É todo baseado na especificação Servlet do Java, então quando criamos um @Controller no Spring, por trás é um Servlet do Java que a gente tem.

@ResponseBody:

O Spring trabalha muito com aquele modelo do MVC ou Model View, geralmente quando retornávamos algo o Spring esperava qual que nosso jsp que iriamos retornar/fazer o redirecionamento, no caso o @ResponseBody ele vai transformar por exemplo uma String ele vai retornar apenas uma String, se for um Json/objeto vai retornar isso no formato Json ou formato XML.

@RestController:

É apenas uma conveniência da gente poder utilizar @Controller e @ResponseBody e não precisar digitar os 2. Que indica para o Spring que a classe ela contém um end-point (url) que nós vamos poder acessar a nossa API.

@RequestMapping:

Diz aonde é o end-point de determinada classe. Exemplo:

LOMBOK:

Lombok é uma dependência que nos ajuda a ter "atalhos" na nossa aplicação, como por exemplo para gerar os getters and setters precisaríamos ter aquele monte de coisa escrita e gerar eles causaria "poluição" na nossa classe já que eles ocupam muitas linhas, com o Lombok nós temos as anotações @Getter, @Setter, @Data = cria os getters and setters e tem outras anotações também que ao colocado em cima ele gera sem precisar da poluição visual. Exemplo:

```
Data
DEntity
public class Course

OId
OGeneratedValue(strategy = GenerationType.AUTO)
private Long id;

OColumn(length = 60, nullable = false)
private String name;

OColumn(length = 12, nullable = false)
private String category;
```

Vemos então na imagem que não temos os getters and setters poluindo a classe visualmente, porém temos eles e podemos utiliza-los por causa do @Data do Lombok.

@GeneratedValue:

Informa como esse valor deve ser gerado, isso depende bastante do banco de dados, porém o mais comum MYSQL utiliza o AUTO (cria o dado automaticamente ele mesmo).

lenght: Informa o máximo de caracteres que é aceita na coluna. **nullable:** Informa se a coluna aceita valores nulos ou não.

```
@Id
@GeneratedValue(strategy = GenerationType.AUTO)
private Long id;
```

@Component:

Se você quer que o Spring crie uma instância e automaticamente gerencie o ciclo de vida dessa instância você coloca essa anotação.

Existem os components especiais como o @RestController que é um component que vamos expor uma API/end-point, @Repository que é um component especial que está falando para o Spring que é uma conexão (vai fazer o acesso ao banco de dados), @Service que é um component especial que é geralmente aonde colocamos a nossa lógica de negócios e também conseguimos fazer controlar as transações com o banco de dados.

@Repository:

Para termos acesso aos métodos do banco de dados a gente declara um repository como interface para podermos estender (extends) as interfaces que nós temos do próprio JPA no Spring Data que é um outro módulo que a gente adicionou no nosso POM.xml que possui interfaces para poder facilitar o acesso ao banco de dados, ao invés de fazer tudo manualmente com o ORM do Spring e fazer as conexões com o hibernate tudo manualmente, então o Spring criou essa outra camada para facilitar.

E ao fazer isso temos então acesso ao JpaRepository que iremos usar e nela temos que usar o tipo generics (<>) que temos que informar qual que é a nossa entidade (Entity) e qual é a chave primária dessa entidade, quando fazemos isso o Spring vai criar uma implementação dessa interface que já tem os métodos automaticamente para gente poder acessar (para ver isso podemos clicar com o ctrl+mouse1 no JpaRepository) que ele mostra os métodos.

Podemos também declarar métodos, por exemplo findbyName o Spring Data vai criar então um método para podermos acessar fazendo um SELECT * FROM (tabela) Where name.

```
@Repository
public interface CoursesRepository extends JpaRepository<Course, Long> {
```

@Bean:

Estamos com ele falando para o Spring que queremos que o Spring gerencie todo ciclo de vida.

@JsonProperty:

Quando o jxon tiver fazendo a transformação de JSON para OBJETO ou OBJETO para JSON vai transformar o id em _id nesse caso.

@JsonProperty("_id")

private Long id;

@JsonIgnore:

Ignora alguma propriedade na hora de criar o JSON.

@RequestBody:

Se precisarmos pegar algo do corpo vindo do site (front-end) como por exemplo um JSON usamos essa anotação para não precisarmos manusear o JSON manualmente e sim de maneira automática.

Quando temos um atributo que é obrigatório eu ter essa instância para que meus métodos funcionem, ou seja não vai funcionar se eu não tiver a instância dessa propriedade, por exemplo um repository, a gente considera isso como uma propriedade um atributo obrigatório, quando isso acontece a gente da preferência de fazer a injeção via constructor, porque quando o Spring for instanciar, o Spring vai falar "Essa classe aqui precisa dessa instância para poder funcionar", então no momento da criação (instância) (new CourseController) é que vamos passar essa instância, se fizermos isso via atributo (@Autowired) ou via setter a gente informa que precisamos disso em um 2° momento, então iremos sempre gerar o constructor.

CORS:

Quando vamos linkar nossa API com o front-end existe um conceito chamado CORS que são chamadas entre domínios diferentes e isso existe para segurança das APIs, pois sem o mesmo qualquer aplicação poderia usar outro site sem problema algum, sem autorização, sem senha, só colocar o link, e por isso foi criado o CORS.

Para exemplificar isso imagine: nosso front (<u>meuprojeto.com</u>) fazendo uma chamada para a API (<u>minhapi.com</u>), ou seja são domínios completamente diferentes.

Então o CORS permite que você acesse outro domínio (API no caso) só que tem de ser configurado na aplicação.

Mas geralmente não configuramos ele, pois quando a aplicação for para produção depois não precisamos desse CORS, e ele é muito "chato" para configurar, pois tem de ser configurado qual domínio você irá permitir, se terá senha e usuário para poder acessar, como na maioria dos casos quando formos para produção não iremos precisar disso, pois não queremos que outras APIs acessem nossa API (neste caso, pode haver casos que precisaríamos dele como por exemplo se tivéssemos uma API pública) e sim apenas o nosso front-end acesse-a, então na hora que for para produção vamos configurar de forma apropriada, só é bom ter o CORS quando na produção precisássemos utiliza-lo.

ResponseEntity:

Usamos ele como retorno nos métodos HTTP para mandar a reposta que desejamos e também especifica o status, geralmente usamos para definir por exemplos os códigos HTTP retornados, como exemplo o 201 (CREATED), e nele especificamos o body com a informação que temos de fazer *nesse caso de salvar*.

Porém temos a anotação **@ResponseStatus** que pode simplificar esse código do ResponseEntity, porém o diferencial é que o ResponseEntity nos permite manusear e alterar os dados da nossa resposta (Response)

```
@PostMapping 
@ResponseStatus(code = HttpStatus.CREATED)
public Course salvar(@RequestBody Course curso) {
    return coursesRepository.save(curso);
}
```

Location:

Classe do Angular que podemos usar para pegar a localização da página e dentro dela temos vários métodos para usarmos, como por exemplo para voltar a página anterior usamos o back(), podemos redirecionar o usuário para outro end-point com o go().

```
onCancel() {
| this.location.back(); // Está fazendo com que ao ser acionado o mátodo onCancel() ele <u>volte</u> a <u>pásina</u> para a anterior.
}
```

@GetMapping:

Quando fazemos um método GET usamos essa anotação, porém podemos falar que o método que estamos criando ele vai aceitar uma variável de URI, ou seja uma variável que vai vir como parte de URL da nossa API, passamos então o valor da nossa variável o mesmo do nosso retorno entre chaves e aspas duplas.

```
@GetMapping(©~"/{id}")
public ResponseEntity<Course> buscaId(@PathVariable Long id) {
```

@PathVariable:

Para informar que nossa resposta está vindo como parte da URL adicionamos essa anotação (@PathVariable), ou seja uma variável que está no caminho da nossa API que no caso é (/api/courses/*id*) é parte da URL. Se nossa variável tiver nome diferente podemos informar o nome como parâmetro dela para o @GetMapping poder identificar corretamente.

```
@GetMapping(©~"<u>/{id}</u>")
public ResponseEntity<Course> buscaId(@PathVariable("id") Long id_diferente) {
```

Update():

Para criar um método de atualizar podemos usar este método direto na base, porém não é o recomendado, pois estamos passando qual identificador que nós estamos tentando achar e também a parte do corpo com a informação atualizada, mas tem casos de o usuário passar um id que não existe e precisamos tratar este caso, então antes de fazer o update iremos verificar se o registro existe para evitar erros.

```
@PutHapping(@:="\[id]")
public ResponseEntityvCourse> update(@PathVariable Long id, @RequestBody Course curso) {
    return courseskepository, findById(id) // Está verificando se o curso existe buscando por id.
    .map(recordFound -> { // Se o curso existir ele pega o curso faz o map e seta o nome do curso com o curso atualizado e a categoria também.
    recordFound.setNane(curso, getCategory(Curso, getCategory());
    course updated = coursesRepository, save(recordFound); // Variável criada para conter um objeto do tipo Course que irá salvar a informação do curso atualizado.
    return ResponseEntity.ok().body(updated); //Retorna para o código ok e no corpo o curso já atualizado.
    })
    .orElse(ResponseEntity.notFound().build()); // Se não encontrar iremos fazer o retorno de 484 dizendo que não foi encontrado o registro.
}
```

Podemos observar que na verificação nós não atualizamos o id somente o name e category, isso acontece por não ser necessário já que vem populado da base de dados e também por ser extremamente perigoso por gerar muitas brechas de falha.

Com isso vemos que o update() não é muito usado e sim tratamos a informação para verificar se realmente existe e usamos o save() quando já tratada.

Delete():

No delete usamos a anotação @DeleteMapping para indicar que é um método de DELETE para nossa API.

No método para retornarmos algo que foi removido, quando tratamos de DELETE agente retorna noContent() ou seja nada, mas isso tem um tipo que é diferente de Void que no caso é object por conta do build() que está retornando para a página o noContent(), então forçamos o retorno de Void que vai transformar (casting) o objeto do noContent() que é nada para o tipo Void.

```
@DeleteMapping(o~"/[id]")

public ResponseEntity<Void> delete(@PathVariable Long id) {

return coursesRepository.findById(id)// Está verificando se o curso existe buscando por id.

.map(recordFound -> { // Se o curso existir ele pega o curso faz o map e exclui o curso que tem o id passado na url.

coursesRepository.deleteById(recordFound.qetId());

return ResponseEntity.noContent().<Void>build(); // Retorna o noContent() que é o nada no corpo da reguisição.
})

.orElse(ResponseEntity.notFound().build()); // Se não encontrar iremos fazer o retorno de 404 dizendo que não foi encontrado o registro.
}
```

Validação:

Java Bean Validation:

Para o nosso código podemos fazer com IFs a validação, por exemplo de tamanho que seria if (course.getName() > 100) retornaria uma exception, porém isso fica muito inviável e com muito código, ainda mais se for vários campos para se verificar.

E o próprio Java tem uma biblioteca que cuida disso para nós que se chama Bean Validation, como estamos usando o Spring e ele é baseado na API Jsp e Servlet, na API Servlet que também faz parte do Jakarta, a gente já tem essa validação disponível para nós.

@NotNull:

Não deixa ser nulo nem vazio.

@NotBlank:

Verifica se tem pelo menos um caractere que não seja espaço.

@Pattern:

É usado para definirmos um padrão, esse pattern tem uma opção chamada de regexp (expressão regular) que com ele podemos definir os valores que aceitamos naquele campo.

@Pattern(regexp = "Back-end|Front-end")

Após adicionarmos no model do Course todas as validações desejadas, para funcionar realmente precisamos de ir no controller e adicionar o @Valid nos parâmetros que chamam o Course de todos os métodos, ele então quando receber aquela requisição vai validar se o nosso JSON que foi transformado para uma instância da variável Course contém informações válidas de acordo com as validações que colocamos no MODEL.

Podemos também usar essas anotações diretamente na classe ou no controller, como faremos no id por exemplo.

```
• @GetMapping(♠॰"/{id}")
public ResponseEntity<Course> buscaId(@PathVariable @NotNull @Positive Long id) {
    return coursesRepository.findById(id)
    .map(recordFound -> ResponseEntity.ok().body(recordFound)) //Se nosso optional
    .orElse(ResponseEntity.notFound().build()); // Se não encontrar iremos fazer o
}
```

Mas como estamos declarando ali no parâmetro do método precisamos adicionar uma outra validação no RestController que é o @Validated, com isso nosso Controller vai validar todas as validações do Java Bean ou então do Hibernate validators desde que estejam declaradas nos parâmetros dos método no caso o @NotNull e o @Positive.

Soft Delete (Remoção lógica): A remoção normal ela excluí do banco de dados o dado sem deixar informações sobre essa exclusão e sem ser possível recuperar este dado, porém para termos o Soft Delete que é um método de fazer o delete que irá armazenar a informação de quem excluiu, a informação ao invés de ser deletada ela passará a ter outro estado, etc. Para isso ao invés de fazermos um delete a gente coloca a informação em outro status (coluna), então ao invés de fazermos um delete estamos fazendo um PUT (atualizando) do registro naquela coluna no banco de dados.

Para fazer o Soft Delete podemos fazer de 2 maneiras, modificando o código de delete para UPDATE e filtrando os cursos no GET por status = ativo ou podemos colocar no Model a anotação @SqlDelete que irá passar o comando SQL que o hibernate irá executar toda vez que chamarmos o método DELETE do nosso repository.

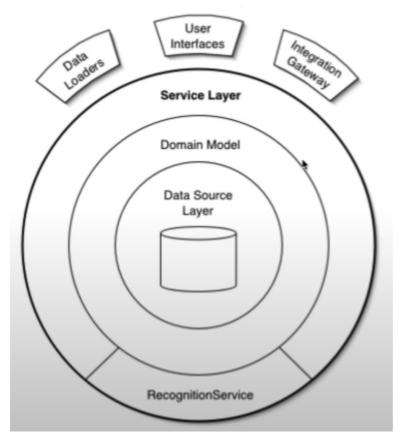
```
@Data
@Entity
@SQLDelete(sql = "UPDATE Course SET status = 'Inativo' WHERE id = ?")
public class Course {

   no usages
   @Id
   @GeneratedValue(strategy = GenerationType.AUTO)
   @JsonProperty("_id") //Quando o jxon tiver fazendo a transformação o private Long id;
```

Assim quando um DELETE for feito o status passa a ser inativo, porém quando dermos um GET ainda mostrará esse curso com a categoria inativo, resolvemos isso com a anotação @Where que toda vez que formos fazer umSELECT no nosso banco de dados o Hibernate automaticamente vai adicionar esse filtro na clausula WHERE, podemos ter outras clausulas WHEREs também, pois ele irá concatena-los.

```
@Data
@Entity
@SQLDelete(sql = "UPDATE Course SET status = 'Inativo' WHERE id = ?")
@Where(clause = "status = 'Ativo'") // toda vez que formos fazer um :
public class Course {
```

Camada de Serviço: Algumas empresas tem usado da camada serviço que é a camada que oferece as operações e coordena as repostas da aplicação em alguma operação



Conforme vemos na imagem temos os Data Loaders, User interfaces, Integration Gateway e a camada de serviço está protegendo a camada de domínio (modelto/entidade), e também temos o repositório que está fazendo a interface diretamente com a camada de dados que é parte do banco de dados, outro aspecto positivo porém pessoal para usar a camada de serviço é que em aplicações quando começamos a aumentar a complexidade, ter muita lógica de negócio as vezes tenhamos que ter vários acessos ao banco de dados de uma vez ou escrever no banco de dados como por exemplo temos de fazer o update em várias tabelas diferentes como parte de uma única transação, equando temos uma camada de serviço fica mais fácil fazer isso e também de fazer a manutenção, além de ficar melhor de entender o código.

ALGO BOM DE SE FAZER É DEIXAR AS VALIDAÇÕES TAMBÉM NA CLASSE DE SERVIÇO, POIS PODEMOS TER VÁRIOS CONTROLLERS USANDO APENAS UM SERVICE E ASSIM PODEMOS TER VALIDAÇÕES DIFERENTES PARA TAIS APENAS ESPECIFICANDO AS DIFERENÇAS DE VALIDAÇÕES NO PRÓPRIO CONTROLLER.

Muitas pessoas fazem a camada de serviço criando uma interface e uma classe que implementa ela, mas isso é só indicado em casos em que usamos o Spring AOP que é a programação orientada a aspectos.

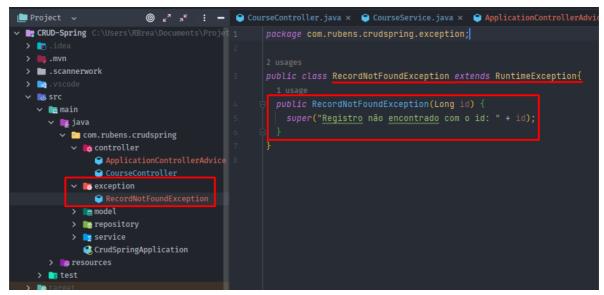
@Serviceno Spring temos essa anotação para indicar ao Spring que a classe que a possuí é uma classe de Service e ela é derivada da anotação @Component e ela

permite que o Spring detecte essa classe e crie a instância automaticamente para podermos utilizar no controle de independências.

TRATANDO ERROS:

Para podermos tratar as exceções da nossa aplicação podemos tirar do código o map que temos e criar um package exception e nele termos uma classe para cada erro de requisição que deriva de RuntimeException e assim criamos por exemplo o

RecordNotFoundException com um construtor que entrega a mensagem do erro.



Para devolvermos para o usuário o erro HTTP correto criamos dentro do Controller uma classe que irá capturar e vai recomendar e o que fazer com as exceções que forem lançadas por <u>quaisquer</u>Controllers que a gente tem no nosso projeto e nessa classe iremos usar nela uma anotação especial que temos no Spring que é justamente para os Controllers Advice que é um **@RestControllerAdvice**, ou seja é a classe que vai dizer para todos osRest Controllerso que fazer com as exceções.

Iremos fazer de exemplo um método dentro do Controller Advice que irá tratar de erros Not FoundHTTP, criamos então um método que recebe a tratativa do erro Not Found da classe que criamos em Exception e retorna a mensagem que possui nessa classe e além disso devemos colocar uma anotação em cima do método indicando qual a exceção que esse método vai lidar que é a **@ExceptionHandler** e passamos o parâmetro com a nossa classe do Not Found para indicar qual o erro que tratamos no método.

```
no usages

@RestControllerAdvice

public class ApplicationControllerAdvice {

no usages

@ExceptionHandler(RecordNotFoundException.class)

public String handleNotFoundException(RecordNotFoundException ex) {

return ex.getMessage();

}
}
```

Porém dessa maneira ele exibe a mensagem do erro, mas o status do HTTP é retornado o 200 (OK) e não o 404 (Not Found), para resolvermos isso iremos adicionar mais uma anotação que é a @ResponseStatus e passamos qual que é o tipo do status que queremos que o Spring retorne automaticamente no ResponseEntity quando capturar essa exceção.





PADRÃO DTO (Data Transfer Object):

O indicado pelas boas práticas é que não usemos a nossa **entidade** no controller, pois essa abordagem trás alguns problemas para nós como: Expor as informações do jeito que elas existem no banco de dados na nossa API.

O DTO nada mais é que uma classe que vai representar nossa informação/requisição tanto a que está vindo quanto as repostas que estamos enviando.

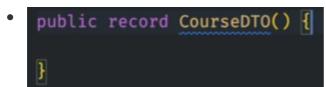
Esse padrão também foi criado para que economizasse o número de requisições para o servidor e para que simplificasse a requisição, quando temos um objeto na nossa requisição que é um pouco mais complexo com vários campos, com objetos aninhados fica mais fácil criarmos um DTO para recebermos toda a informação de uma vez e fazer uso dessa informação e aplicar a lógica necessária para poder ler e processar toda a informação que está vinda no DTO. Abordagem "antiga" para criar um DTO:

Para criarmos uma classe DTO é bem simples, basta criar um package de DTO e a classe DTO da entidade que estamos fazendo esse padrão (DTO) e copiar tudo que tem dentro da classe e tirar as "coisas" relacionadas ao banco de dados. Em seguida iriamos precisar somente refatorar nosso código não retornasse nem enviasse a entidade em si na nossa API, só que como estamos utilizando o Spring 6 com o Spring Boot 3 e também

estamos usando Java 19 no nosso pom.xml agente pode utilizar uma abordagem mais nova e mais moderna do Java que são as Records (em projetos da versão 13 ou inferior temos que seguir o padrão de classe, pois Records não estão disponíveis).

Abordagem atualizada para criar um DTO (RECORD):

Criamos o package de dto porém ao invés de criamos a classe normalmente criamos ela como record e não classe.



Uma Record é basicamente uma classe Java e nessa classe Java nós não temos construtor vazio nós apenas temos o construtor com todos os campos e nós também não temos métodos Setters, então a única forma de termos informações (dados nas nossas propriedades) é através do construtor, uma vez que criou o construtor e instanciou a classe não conseguimos mais modificar a informação, pelo motivo de não conseguirmos mais modificar a informação que está na classe a Record é uma classe imutável do Java, outra diferença é que os métodos Getters não temos mais o prefixo GET é somente o nome da propriedade.

Uma Record é apenas uma classe, e essa classe estende um tipo especial do Java que é a classe Record e é por esse motivo também que ela não consegue estender outras classes, porém podemos implementar quantas interfaces forem necessárias.

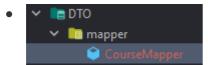
Extras: Podemos criar um DTO de resposta e o de requisição (request) isso vai por escolha.

Não conseguimos utilizar Records como entidade **AINDA** por conta das regras do JPA, o JPA fala que para termos uma classe como entidade essa classe tem que ter um construtor vazio e terSetters, pois quando o JPA/Hibernate vai instanciar, buscar informações na base ele por trás dos panos vai instanciar a classe e depois vai utilizar os métodosSetters para poder configurar e setar o valor em cada propriedade. Porém com o JDBC fazendo as querys na mão conseguimos mapear com as Records.

A gente usa o DTO sempre na camada de serviço, pois é ela que "protege" as camadas de domínio, se ao invés de usarmos no service a gente usar no controller, acaba que se tivermos outro controller que pegue o model em questão iremos que repetir tudo. Então é o serviço que via pegar o dto e transformar em entidade e vai fazer os acessos ao banco de dados e vai retornar as respostas para nosso controller.

Padrão Mapper:É um padrão que faz o mapeamento de DTO para entidade e entidade para DTO quase que automaticamente, temos vários frameworks que podemos adicionar no nosso projeto que irá fazer isso, mas como estamos em um projeto para estudos e pequeno iremos fazer o nosso próprio.

Criamos um package chamado mapper e a classe do mapper dentro do package de DTO.



Existem **anotações** do **Spring** que cria instâncias automáticas dessa classe para nós e para podermos também usar a instância dessa classe em outras classes, como por exemplo na nossa classe de serviço, e é a anotação mais básica do **Spring** que é a @Component , nessa classe iremos criar dois métodos umtoDTO que vamos transformar uma instância de uma entidade em uma instância de umDTO e nós vamos retornar umDTO, e vamos também fazer o toEntity que nesse caso vai receber uma instância deDTO e transformar em uma instância de entidade e retornaremos uma entidade.

```
public CourseDTO toDTO(Course course) {
    return new CourseDTO(course.getId(), course.getName(), course.getCategory());
}
```

No nosso Service iremos usar de programação reativa, no exemplo iremos refatorar o comando abaixo.

```
public List<CourseDTO> list() {
    return courseRepository.findAll();
}
```

Esse findAll() é uma lista e essa lista podemos retornar um streaming de informações, ou seja para cada objeto que estiver nessa lista podemos fazer alguma coisa.

```
public List<CourseDTO> list() {
    return coursesRepository.findAll().stream().map(courseMapper::toDTO).collect(ArrayList::new, ArrayList::add, ArrayList::addAll);
}
```

Primeiro estamos pegando todos os registros que foram retornados para nós, depois transformamos em um stream para que possamos fazer nossa programação reativa, e os streamings no Java também tem um operador chamado map que nele estamos pegando nossoMapper e chamando otoDTO (nesse caso é uma lambda introduzida no Java 8 para simplificar o comando) sem essa lambda seria assim o comando:

```
• .map(course → courseMapper.toDTO(course))
```

E como nesse map iremos retornar vários objetos do tipo DTO a gente precisa colocar esses objetos dentro de uma lista novamente, para isso usamos o collect e instanciamos o Arraylist com Arraylist::new, e depois adicionamos as informações com o Arraylist::add, e damos um Arraylist::addAll para adicionar tudo, ou então podemos utilizar outra forma de fazer isso que é através doCollectors.toList() que assim vamos pegar todo objeto que foi retornado pelo map que é do tipoDTO e vamos colocar nolist já que estamos retornando uma List, *o Collectors pertence ao pacote do Java Util*.

.collect(Collectors.toList());

Já o método toEntity fazemos assim como mostra a imagem abaixo:

```
public Course toEntity(CourseDTO courseDTO) {
   if (courseDTO = null) {
      return null;
   }

   Course course = new Course();
   if (courseDTO.id() ≠ null) {
      course.setId(courseDTO.id());
   }

   course.setName(courseDTO.name());
   course.setCategory(courseDTO.category());

   return course;
}
```

Isso fazemos por ser um projeto pequeno, mas se for um projeto de uma organização (enterprise) a gente pode aplicar um padrão chamado **Builder**, que cuida quando temos uma classe com muitos campos, mas no caso não iremos utiliza-lo, pois o Course tem apenas 4 campos.

Enums:

São utilizados quando temos opções esperadas no banco de dados como por exemplo um campo que espera os valores "Ativo" ou "Inativo", que se usarmos Enums fica bem mais fácil de tratarmos e verificarmos, além de deixar nosso banco de dados muitos mais limpo, no exemplo citado os Enums ficariam como valor 1 para "Ativo" e 2 para "Inativo".

Para começar a usar um Enum iremos criar um package enum e com a classe do mesmo nome do campo cujo iremos transformar em um Enum, dentro dessa nova classe de enum iremos colocar os valores que esperamos receber nele.

public enum Category {
 BACKEND, FRONTEND
}

E o nosso campo iremos colocar o tipo dele do nosso Enum (que no caso é Category).

private Category category;

Se estivermos com nosso código sem o uso de Enums então precisaríamos refatorar principalmente o mapper, a parte de mapeamento com DTOS faz com que tenhamos que alterar tudo isso. Como antes a gente colocava uma String de "Back-end" ou "Front-end" e agora estamos colocando um **enumerador** ele vai ter um valor diferente no banco de dados e existem 2 maneiras de fazermos isso, a 1° maneira é que

quando nós temos esse enumerador a gente precisa falar pro Hibernate/JPAqual que é o tipo de dados que nós vamos salvar, afinal isso é um Enum e um Enum não é exatamente um tipo de coluna que existe no banco de dados, no banco de dados temos o tipo String, Varchar, integer, data, etc. Então usamos um por exemplo

@Enumerated(EnumType.ORDINAL) que nós então estamos falando para o JPA e pro Hibernate que esse campo é um campo do tipo enumerador e a gente precisa salvar essa informação no banco de dados e a forma que nós vamos salvar no banco de dados é do tipo ordinal (Número).

SELECT * FROM COURSE;			
ID	CATEGORY	NAME	STATUS
1	1	Angular com Spring	Ativo
2	0	Pintinhos	Ativo
(2 rows, 0 ms)			

Quando salvamos com Hibernate do tipo ordinal nós estamos salvando o index do **enumerador**, então o "Back-end" como é o primeiro fica com valor 0 e o "Front-end" como é o segundo fica com valor de 1 é como se fosse umArray, mas essa abordagem tem um problema que é se em algum momento dermos manutenção no nosso código e trocarmos os valores de ordem na classe enum iremos ter problemas com todos os dados que já estão salvos no nosso banco de dados, então esse é um problema de salvarmos do tipo ordinal.

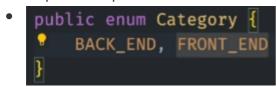
A 2° forma que temos de fazer isso é mapeando a String que ao invés de colocarmos @Enumerated(EnumType.ORDINAL) iremos colocar @Enumerated(EnumType.STRING) e ficaria com o mesmo nome do nosso Enum.

SELECT * FROM COURSE;

ID CATEGORY NAME STATUS

1 FRONTEND Angular com Spring Ativo
2 BACKEND Pintinhos Ativo
(2 rows, 0 ms)

Mas se por algum motivo decidirmos renomear as informações do Enum, por exemplo:



Sempre que renomearmos o valor do nosso Enum iremos ter aquele mesmo problema do Ordinal, vamos ter problema com os valores antigos no banco de dados e iriamos ter que dar um update neles, então esses são os pros e contras das duas abordagens.